



José Gabriel Ávila*

Aeroporto ou centro comercial?

No regresso a casa tem-se sempre algo a contar.

Desta vez foi o próprio aeroporto o protagonista da estória, pois não sei quem gere aquela controversa infraestrutura situada na Portela de Sacavém. Sei que ali está um dos motores da capital e que Lisboa não seria a mesma se os aviões fossem desviados para longe.

Humberto Delgado, o general sem medo que em 1958 confrontou Américo Tomás e os apaniguados do regime em eleições não-democráticas, não permitiria, enquanto Diretor-Geral da Aeronáutica Civil, que a constantemente renovada aerogare fosse transformada num centro comercial.

Com malas ou sem elas, o passageiro é obrigado a andar às voltas e voltinhas na zona de segurança, até lhe serem revistados os seus pertences e tudo o que o acompanha, sem que a comissão nacional de dados o impeça.

Normas são normas e com a segurança não se brinca. A ordem pós 11 de setembro é não deixar passar nada que possa ser perigoso: um simples pacote de sumos é impedido e vai logo para o *garbitch*¹, num gesto incompreensível e condenável, pois basta passar aquela “fronteira” e já tudo se pode comprar no interior do aeroporto: águas, sumos, bebidas de toda a espécie e feitio, nacionais e estrangeiras a custos inatingíveis para a maioria dos mortais e tudo se pode levar para o avião. São regras e atitudes que não se percebe quando se fala de desperdício e sustentabilidade ambiental.

A lógica do aeroporto da capital é o consumismo puro e duro.

Obriga-se o passageiro cansado de andar de um lado para o outro à procura de uma informação num *placard* ou de alguém que o informe a percorrer extensas zonas comerciais, salas e salinhas, bares e cafés, até se chegar à suposta porta de embarque cuja indicação, a tempo e horas, deveria figurar no grande ecrã.

Mas, qual quê? O passageiro tem de estar de sobre-aviso, pois a informação muda de um momento para o outro, sem aviso sonoro. Por isso ia perdendo o avião para Ponta Delgada e eu na porta 10. De repente ouço: última chamada para a porta 22A. Corri que nem um perdido à procura da dita. Ao chegar lá, cansado e nervoso, contei o sucedido à funcionária que me respondeu: “Eu também fui enganada. Estava na porta 18 e afinal era nesta. Não se admire! Aqui é assim.”

O aeroporto Humberto Delgado é a porta mais movimentada de entrada e saída do país, e também aquela que revela a imagem marcante do país que temos e somos.

É costume dizer-se que “as últimas impressões são as que ficam”, não se esquecem.

A longa espera no autocarro que nos levou ao avião e os longos 5 a 10



minutos previstos pelo comandante no aviso que fez aos passageiros (foram cerca de 40) que ele demorou até levantar, revelam o nosso atraso e a desorganização de um setor tão sensível.

O certo é que o 321 da Azores Airlines vinha repleto, a quase totalidade eram estrangeiros.

Os dados estatísticos mais recentes comprovam o aumento crescente de visitantes nos Açores. Cerca de 400 mil desde janeiro até maio. Os dados divulgados pelo SREA são globais e não permitem apurar, por aeroportos, o movimento dos voos territoriais e internacionais. Revelam apenas que mais de metade dos passageiros de voos interilhas, territoriais e internacionais desembarcaram no aeroporto de Ponta Delgada (412 927) e apenas 156 634 na ilha Terceira.

Os dados existem, certamente, mas importa revelá-los também para que façamos uma ideia precisa do movimento turístico, nomeadamente do número de visitantes, nacionais e estrangeiros em cada uma das ilhas.

Neste setor económico, como noutros, a informação estatística deve ser o mais precisa possível. Vivemos num arquipélago de nove ilhas, nove pequenos mundos diferenciados que não se podem traduzir em médias regionais. Estas, está provado, são falíveis e não traduzem a realidade existente nas partes do todo, nem ajudam a conhecer, a prever e planear o nosso processo produtivo e o desenvolvimento em geral.

Qualquer açoriano, quando visita uma ilha maior, apercebe-se, facilmente, da alteração de preços de bens e serviços e das implicações dessas diferenças no custo e na qualidade de vida.

Defendo por isso que a análise dos valores da inflação deveria ser divulgada, pelo menos, ilha a ilha. Isso ajudaria a perceber as vantagens e constrangimentos de residir aqui ou ali e a encontrar respostas salariais e outras para atrair e fixar a população numa ou outra ilha, onde os fenómenos de rejeição e de atração são mais evidentes.

De qualquer modo, constatando que viver na grande Lisboa é, certamente mais barato que viver em Ponta Delgada e mais ainda no Pico, a minha opção está há muito tomada.

É aqui que quero viver até...



¹ Lixo, deturpação de garbage